"Você jamais será livre sem uma imprensa livre" VENELOUIS XAVIER PEREIRA

O ESTADO

Fortaleza, Ceará, Brasil Quinta-feira, 27 de outubro de 2016 EDIÇÃO ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO, 80 ANOS
Fundado em 24 de setembro de 1936

Nelson Otoch

Um jornal à frente do seu tempo

PAG. 4

Sérgio Philomeno

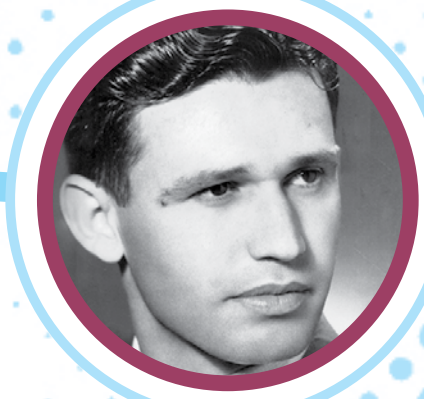
Chabloz e Rubens de Azevêdo, colunistas

PAG. 8

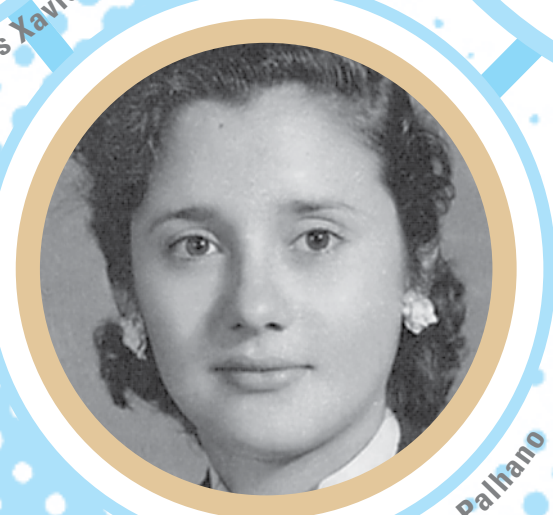
Themístocles de Castro e Silva

Venelouis Xavier Pereira

80 ANOS



Fran Martins



Wanda Palhano

José Martins Rodrigues

Cláudio Martins

Raul Barbosa

Alfeu Aboim

Walter de Sá Cavalcante

Viciado em jornal

PAG. 6

O jornal que é parte da nossa história

Lançado na tarde da quinta-feira, 24 de setembro de 1936, o Jornal O Estado é personagem viva. Fizeram sua história dezenas de personalidades que marcaram os rumos do Ceará e do Brasil. Dentre tantos, citamos José Martins Rodrigues — fundador —, Walter de Sá Cavalcante, Raul Barbosa, Júlio Cavalcante, Jean-Claude Chabloz, Alfeu Aboim, Dorian Sampaio, Fran Martins, Cláudio Martins, José Alcides Pinto, Rubens de Azevêdo, Themístocles de Castro e Silva, Parsifal Barroso, Roberto Martins Rodrigues, Dário Macêdo, Rangel Cavalcante, Fernando César Mesquita, Sérgio Philomeno Gomes, Durval Aires, Odalves Lima, Frota Neto, Teobaldo Landim, Adísia Sá, Guto Benevides, Sônia Pinheiro, Flávio Torres, Venelouis Xavier Pereira, Wanda Palhano. 80 anos depois, só temos a comemorar.

80 ANOS

ANO I — Ceará — Fortaleza, Quinta-feira, 24º de Setembro de 1936 — N.º 1

O ESTADO

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO PROGRESSISTA

Diretor político: Senador Edgar de Arruda :: Redator-chefe: Placido Castelo :: Diretor comercial: Julio Rodrigues

Sensacionais informações telegráficas do país do estrangeiro

LIBERTOS, AFINAL, OS HERÓCIOS "CADETES DO ALCAZAR"

Publicado, no Rio, o edital do Porto do Ceará

O Banco do Brasil auxiliará com cinco mil contos o # financiamento do Instituto do Algodão

Inaugurada a sede do jornal, em 1936, no Centro

FOTO: ARQUIVO NIREZ

Inauguração da primeira sede do jornal O Estado: José Martins Rodrigues, ao centro, ao lado do governador Menezes Pimentel e de Plácido Castelo. De paletó branco, com a mão no bolso, Alfeu Aboim

A primeira edição do Jornal O Estado circulou em Fortaleza, na tarde de uma quinta-feira, 24 de setembro de 1936. Era um calhamaço com seis cadernos, totalizando 48 páginas em formato broadsheet muito maior que o formato standard de hoje. Estava muito acima do tamanho e da quantidade de páginas dos jornais locais da época. A tiragem, de dois mil exemplares, também era enorme. Em 1936, Fortaleza tinha uma população de 146.852 habitantes, de acordo com estimativa da época. Bem impresso em uma impressora plana Alauzet-Express, usando, nos títulos, uma tipografia não serifada, limpa e condensada, chegava aos poucos pontos de venda em uma Fortaleza que orbitava em torno da praça do Ferreira, o Marco Zero. O jornal estava sediado a poucos metros da Praça, na rua São Paulo.

— Que tenha vida longa —, murmura José Martins, folheando o primeiro exemplar recém--saído das oficinas, tinta ainda fresca. O barulho das folhas sendo manuseadas com um misto de avidez e delicadeza de um pai que contempla mais um filho infante. Estava em suas mãos algo que havia sido pensado e decidido por um pequeno núcleo duro assentado no pleno poder.

José Martins Rodrigues ocupava à época, 1936, a Secretaria de Negócios da Fazenda e chegou a assumir a chefia do Executivo cearense, incontáveis vezes.

Do grupo fundador faziam parte Plácido Castelo, Edgar de Arruda, Júlio Rodrigues, Raul Barbosa, Alfeu Aboim, sob a liderança de José Martins Rodrigues com o apoio do governador Menezes Pimentel. ■

A redação no ano de 1964

Em 1964, O Estado estava sob o controle acionário do empresário Sérgio Philomeno, como se constata na edição de 3 de março, quando O Estado, "diário matutino", tinha, em sua página 2, seguinte expediente: Diretor presidente: Sérgio Philomeno; Diretor Superintendente: Nelson Otoch; Diretor Comercial: Cláudio Philomeno; Diretor de Redação: Themístocles de Castro e Silva; Redator Chefe: Odalves Lima; Gerente: Jerônimo Sampaio do Vale. Em outubro de 1964, o diretor do jornal, para efeito de expediente, era Nelson Otoch; Diretor de Redação: Odalves Lima; Chefe de Reportagem: Rangel Cavalcante; Gerente: Jerônimo Sampaio do Vale. O jornalista Silvio Carlos era o chefe do departamento esportivo do Jornal O Estado. Silvio Carlos viaja a Recife, onde permaneceu por 20 dias, para fazer a cobertura do Campeonato Brasileiro de Basquetebol. ■

O jornal que elegeu Raul Barbosa governador do Ceará

Numa época em que o rádio era incipiente, cabia aos jornais assumirem a condição de grande palanque e, também, de grande panfleto de candidatos a cargos públicos.

O jornal **O Estado** cumpriu com afinco o seu papel. Era porta-voz do PSD e não se furtava a embates ruidosos com o principal veículo da UDN no Ceará, o Jornal O Povo, de Paulo Sarasate.

A campanha de Raul Barbosa foi comandada pelo jornal **O Estado** através do seu diretor Walter de Sá Cavalcante. Atacando e defendendo, eram manchetes diárias, artigos, sueltos e também quadrinhas publicadas no Jornal **O Estado**, do qual era diretor. Raul foi eleito em 1951, meses depois, Walter de Sá já era visto como potencial sucessor de Raul.

Walter era articulista diário na primeira página do Jornal **O Estado**. Suas polêmicas são memoráveis, principalmente quando parte para cima de Sarasate e da trincheira da UDN, o Jornal O Povo.

A fase inicial, liderada por José Martins Rodrigues, foi sucedida por Alfeu Faria de Aboim e Walter de Sá Cavalcante, em novembro de 1942.

Infelizmente, Walter de Sá Cavalcante morreu muito jovem, em 1954, antes do final da gestão do governador Raul Barbosa. ■

Chabloz e Rubens de Azevêdo, designers

Dois relevantes das artes deram sua contribuição à cultura e ao jornalismo como regulares presenças nas páginas do Jornal **O Estado**.

Rubens de Azevêdo, o genial cearense, astrônomo, artista plástico, desenhista, ilustrador, realizou a primeira a capa colorida da imprensa cearense com a publicação de uma bandeira do Brasil em tricromia, na primeira página do Jornal **O Estado**, em 1945.

Jean-Pierre Chabloz também teve uma presença muito forte no Jornal **O Estado**. Escrevia uma página semanal sobre Artes e sobre a cidade de Fortaleza. Na edição comemorativa aos anos de circulação d'**O Estado**, foi Chabloz quem desenhou a assinou a ilustração da capa.

Tanro o francês Chabloz — que viveu e morreu em Fortaleza — quanto Rubens de Azevêdo, foram artistas universais. Rubens publicou a primeira história em quadrinhos em jornal cearense, n'**O Estado**. ■

Rangel Cavalcante e seu amigo Che

Em 1961, um grupo de jornalistas cearenses foi a Cuba, a convite do governo de Fidel Castro. Encontraram com Raúl Castro, Fidel Castro e Che Guvera. Do grupo, faziam parte Frota Neto, Inácio Almeida, Rangel Cavalcante, Fernando César Mesquita e Milano Lopes. Percorreram, durante 20 dias, cada recanto da paradisíaca ilha. Rangel Cavalcante, colunista do Jornal O Estado, onde iniciou no jornalismo, posa com Che Guevara. ■

FOTO: ACERVO DE RANGEL CAVALCANTE

Che Guevara e Rangel Cavalcante, em Havana, 1961

Gilmar de Carvalho, nosso anjo pornográfico?

Um dos mais originais intelectuais cearenses, autor de livros antológicos como ***Parabélum***, Gilmar de Carvalho teve sua fase guarda-chuva no Jornal ***O Estado***, no começo dos anos 1970, sob a ferrenha caça às bruxas do governo Médici e seus áulicos — alguns querendo ser mais reais que o rei.

Pois Gilmar foi excomungado de um jornal local por ter escrito um conto "obsceno". Em 1969, fez vestibular para Jornalismo. Então, a professora Adísia Sá, em julho daquele ano, convidou-o para publicar suas crônicas na *Gazeta de Notícias*. Seus textos deram uma confusão enorme. Gilmar, acusado de escrever pornografia, publicou somente durante quatro meses na *Gazeta de Notícias*.

— Foi uma forma muito sutil que encontraram para depreciar e deslegitimar o que eu fazia. Eu diria que o jornal fez o que ele podia fazer. O jornal não me acusou, não me humilhou, mas também não me apoiou. Apenas foi dito que eu não seria mais publicado.

Foi intimado a comparecer no famigerado Departamento de Ordem Política e Social — Dops.

Seu espaço seguinte foi o Jornal ***O Estado***. Venelouis não temia caça às bruxas e detestava opressores. ■

O ano dos nossos 80 anos

Desde o dia 24 de setembro de 1936 o Jornal O Estado circula ininterruptamente. Fundado por um grupo de políticos, intelectuais e advogados, somos parte da História viva do Ceará

Por Luis-Sérgio Santos, jornalista, professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza

O primeiro logotipo. Desenhado em 1936, o primeiro logotipo do jornal O Estado é uma peça totalmente geométrica, com elementos futuristas que simulam dinamismo e velocidade. Há uma convergência para o movimento Bauhaus que acontecia simultaneamente na Europa. Paul Renner acabara de desenhar sua tipografia Futura que tem o mesmo conceito de tipografia do jornal O Estado. O logotipo quebra paradigmas e está muito à frente do seu tempo.

A história do Ceará um desafio para nossos historiadores. Em primeiro lugar, porque ela é muita mal contada, a preço de hoje. Falta uma pesquisa de contestação a uma historiografia, digamos, oficial, aquela que está nos livros de "História" e que repete versões "consagradas" pela historiografia oficial — e, ali, o que prevalece, é uma versão, a versão do narrador que irremediavelmente estava coligado ao opressor, ao colonizador, ao modelo formal de poder. Portanto, nossa historiografia privilegia a versão dos hegemônicos, dos que prevaleciam como detentores dos meios de produção e, em extensão, da política.

Essa visão acaba, também, contaminando os meios acadêmicos, aqueles que, em tese, deveriam ter a mais crítica visão sobre fatos e sobre a sociedade. Talvez — a palavra adequada é, talvez — por isso, é tarefa de gincana pedir algum estudo acadêmico sobre a história e a influencia política do Jornal ***O Estad***o, desde 1936.

Não existe nada, nenhum estudo, nenhuma pesquisa, nenhuma mísera pesquisa de graduação sobre o papel central — repito, central — do Jornal ***O Estado*** na história do Ceará. E, no entanto, o jornal foi o mais influente no Ceará nos anos 1940 e, mesmo, nos anos 1950.

E como se expressa essa influência? No simples fato de que o Jornal O Estado se superpunha à estrutura de poder político — uma condição relativamente natural considerando a imprensa como a uma ferramenta estratégica na defesa de bandeiras de grupos de interesse, sejam conservadores, progressistas, anárquicas.

Os jornais eram os grandes veículos na luta insana de conquistar — ou de consolidar — corações e mentes.

O jornal cidadão. O Jornal ***O Estado*** foi um intensivo centro de formação cidadã. Das oficinas e das várias redações do Jornal ***O Estado*** saíram profissionais como Dorian Sampaio, Ari Cunha, João Ciro Saraiva, Chico Alves Maia, Edmundo "Dedé" de Castro, J. C. Alencar Araripe, Durval Aires, Odalves Lima, Dário Macedo, Rangel Cavalcante, Adísia Sá, Egídio Serpa, Marcondes Viana, Antônio Frota Neto, Fernando César Mesquita — esse, sobrinho de Odalves Lima. Além desses tantos, outros foram galvanizados no cotidiano do Jornal ***O Estado*** a exemplo de Gervásio de Paula, Flávio Ponte, Guto Benevides, Nazareno Albuquerque, Flávio Torres, José Augusto Lopes. O jornal abrigou colunas vívidas assinadas por Eusélio Oliveira, o intrépido cineasta e intelectual, Tertuliano Siqueira, focado na incipiente e emergente mídia local, as colunas políticas de Newton Pedrosa, Pedro Gomes de Matos Neto, Fernando Maia, Ossian Lima, Hélder Cordeiro, Macário Batista, Julieta Brontée e, bem antes, Fernando Aires e do próprio Durval Aires. A coluna semanal de Jean-Pierre Chabloz, trazia ensaios maravilhosos sobre Fortaleza e sua estética urbana e nas artes. Revelou colunistas sociais como Sônia Pinheiro, Stella Crisóstomo, Cléa Petrelli, Marciano Lopes, Teresa Borges, Fran Erle e mais uma rica lista onde se incluem Ribamar de Paula, Ildefonso Oliveira — do setor administrativo, Manoel Galdino — impressor, Albânia Uchôa — do setor do comercial e José Nilton da Silva Júnior — Design.

O Jornal ***O Estado*** viveu várias fases e se manteve inteiro desde sua fundação, em 1936, atravessando todas as conjunturas com as quais soube conviver, driblar, combater e enfrentar. Superou as adversidades que colocaram em risco sua longevidade; não se furtou aos embates mais arraigados e virulentos, remoeu as tripas do poder, viveu momentos de glória e amargou reveses mas, ao largo, construiu um capítulo consistente na História do Jornalismo .

A fase inicial, liderada por José Martins Rodrigues, foi sucedida por Alfeu Faria de Aboim (Alfeu Aboim) e Walter de Sá Cavalcante (também grafado como Walter Sá Cavalcante) em 1º de novembro de 1942, que o transferiram para Antônio da Frota Gentil (Antônio Gentil) em 24 de abril de 1945, ficando a direção com Walter de Sá Cavalcante. Aqui viu-se grandes enfrentamentos entre PSD e UDN, na campanha que elegeu o deputado Raul Barbosa, governador do Ceará. À frente do jornal, Walter de Sá Cavalcante comandou a campanha de Raul, dia a dia, nas páginas d'***O Estado.*** Foi dirigido ainda por Cláudio Martins e Francisco Martins (Fran Martins), onde as artes, a cultura e literatura tiveram ampla divulgação e ampla repercussão, principalmente nas edições de domingo, com o caderno cultural. Some-se a isso as crônicas diárias de Fran Martins, cheias de estilo, densidade de informação e opinião e fluidez textual. Os irmãos Martins transferem o jornal para um grupo apoiador do governador Parsifal Barroso e Themístocles de Castro e Silva desembainha seu sabre de prata em forma de caneta e esgrima, protagonizando grandes enfrentamentos. Passou depois para o grupo Nelson Otoch e Sérgio Philomeno, ainda sob a batuta de Odalves Lima — que vinha do período de Themístocles — como diretor de redação e colunas memoráveis de Dário Macedo e Rangel Cavalcante, José Rangel, Nazareno Albuquerque. Sua redação e oficinas originais, na época da fundação, ficavam na rua Senador Pompeu, 832. A partir de 1966, assumiu o controle acionário do jornal o jornalista Venelouis Xavier Pereira, que também encetou grandes embates, polêmicas e enfrentamentos. Um dos seus feitos tecnológicos, no jornal, foi implantar, em 1970, o sistema offset de impressão. Em 1996, com a morte abrupta de Venelouis, Wanda Palhano assume o comando com Ricardo Palhano, Adlay Stevenson Palhano, Soraya Palhano, Solange Palhano e Rebeca Xavier assumem o comando, reposicionando o jornal e iniciando um novo ciclo. O jornalismo panfletário é totalmente aposentado e a escola americana da objetividade, que já faz parte da rotinas das redações e dos cursos de Jornalismo, passa a ser o novo norte do jornal.

> "Ele era uma figura complexa, paradoxal, porque ele era temperamental. Então, você tem momentos de muita raiva e de fina doçura, mas normalmente ele era irônico e era alegre."
>
> **FRANCISCO AUTO FILHO,** sobre Venelouis Xavier Pereira

FOTO: ACERVO DE ROBERTO MARTINS RODRIGUES

José Martins Rodrigues, um dos mais brilhantes intelectuais da sua geração, fundador de O Estado

Venelouis Xavier Pereira, advogado, delegado de Polícia e jornalista, assegurou a longevidade de O Estado

Dois grandes ciclos. O Jornal ***O Estado*** viveu dois grandes ciclos: o primeiro, iniciado por José Martins Rodrigues, em 1936, produziu um jornal com uma enorme diversidade de temas, seções e cadernos especiais. Nesse primeiro grande ciclo, estão Alfeu Aboim e Walter de Sá Cavalcante — que sucedem José Martins Rodrigues — e vai até o final de 1995, quando Venelouis Xavier Pereira, através do banqueiro José Oto Santana, adquire o jornal. O segundo ciclo foi iniciado exatamente aí. O negócio é fechado no apagar das luzes do ano de 1965 e Venelouis toma posse do jornal em 1966, inaugurando o ciclo que continua até hoje, com seus sucessores. Trata-se de um dos ciclos mais tensos da história do jornal e tem como momento de grande estresse a morte de Venelouis na redação do próprio jornal, em 1996. Teria sido em decorrência de um enfarto fulminante.

O ciclo atual marca a consolidação do jornal como veículo independente, apartidário e focado na publicação de notícias, análises, comentários e opiniões que primam pelo pluralismo e pelo apartidarismo, priorizando o interesse do leitor — algo totalmente oposto ao histórico alinhamento com o PSD, onde o leitor era, ele também, principalmente partidário.

O jornalista Francisco Auto Filho, que no auge das caçadas da polícia política no governo militar, inciado em 1964, foi acolhido por Venelouis na redação d'***OEstado***, tem uma descrição daquela personalidade:

— Ele era uma figura complexa, paradoxal, porque ele era temperamental. Então, você tem momentos de muita raiva e de fina doçura, mas, normalmente, ele era irônico e era alegre.

Dos tipos móveis aos dias de hoje, o jornal migra para as múltiplas plataformas digitais em consonância com tendência global irreversível a partir do advento da internet como canal de distribuição de conteúdos em uma escala global. Internet, sem dúvida, desorganizou os tradicionais fluxos de informação de mão única,-colocando em xeque o monopolismo. Um fenômeno recente, a partir de meados dos anos 1990.

O Jornal ***O Estado*** tem seu núcleo digital que alimenta e atualiza em tempo real o portal de notícias **www.oestadoce.com.br**, as redes sociais e outros canais no mundo digital. Como a ***OETV*** com conteúdo audiovisual, no endereço **www.oestadoce.com.br/oetv/** ■

[Caderno Especial 80 anos] **EDITOR** Luís-Sérgio Santos **EDITOR DE ARTE** Vladimir Pezzole **PESQUISA E REDAÇÃO** Beatriz Carvalho e Lorena Marcello **AGRADECIMENTOS** Roberto Martins Rodrigues, Miguel Ângelo de Azevêdo — Nirez, José Augusto Bezerra, Acervo do Instituto do Ceará, Pedro Eymar — Museu de Arte da UFC, Núcleo de Documentação Cultural — NUDOC, do Curso de História da Universidade Federal do Ceará, Lúcio Brasileiro, Newton Pedrosa, Fernando Maia, Hélder Cordeiro, Frota Neto, Rangel Cavalcante, Gilmar de Carvalho, Flávio Torres, Pedro Gomes de Matos Neto

80 ANOS

Um jornal à frente do seu tempo

Roberto Martins Rodrigues acompanha a História do jornal O Estado desde a fundação. Embora ainda criança, escrevia para a seção semanal *Jornal dos Nossos Filhos*, que circulava nas edições de domingo

Entrevista concedida a Luis-Sérgio Santos, em Fortaleza

Filho de José Martins Rodrigues, o advogado Roberto Martins Rodrigues é testemunha ocular da História. Ele acompanhou o Pais em vários momentos, no Ceará, no Rio de Janeiro e em Brasília, onde o deputado federal Martins Rodrigues protagonizou importantes momentos, principalmente no final dos anos 1950 e 1960, com as drásticas rupturas institucionais do governo instalado em abril de 1964.

No governo Parsifal Barroso, quando Themístocles de Castro e Silva era o editor do Jornal ***O Estado***, Roberto Martins Rodrigues assumiu uma diretoria do jornal.

Roberto estudou na Faculdade Nacional de Direito, uma escola pública de grande conceito, no Rio de Janeiro, na rua Moncorvo Filho, nº 8, perto da Central do Brasil. Estudou com de San Tiago Dantas, Hahnemann Guimarães (ministro do Supremo Tribunal), Evaristo de Moraes Filho (professor de Direito do Trabalho), Hermes Lima (também ministro do Supremo Tribunal). "Apesar da importância dos nomes, eram pessoas muito simples, sentavam com a gente, faziam parte das comemorações dos alunos". Lá, ficou de 1948 a 1952, quando voltou para o Ceará.

Quem é Roberto Martins Rodrigues?

Eu sou filho de um dos fundadores, José Martins Rodrigues, que ao lado do seu irmão, Júlio Rodrigues, principal financiador dessa "aventura", como o mesmo denominava, fundaram um jornal independente como ***O Estado***.

Como foi a repercussão do lançamento do jornal, em 1936?

O jornal ganhou uma dimensão que mesmo hoje em dia, ainda seria extraordinária, porque ele saía com mais de 40 páginas no domingo, dois suplementos. Ele tinha um suplemento de política internacional que tratava da área econômica e os dois suplementos: ***Jornal do Lar,*** escrito pelas professoras da Cidade da Criança, que era uma escola de alfabetização infantil revolucionária, em 1938. Nasceu da cabeça da minha mãe, Zilda Martins Rodrigues , que tinha trabalhado como assessora do professor Lourenço Filho, o educador que fez a primeira reforma no ensino primário no Ceará, na década de 1930.

Então, além do ***Jornal do Lar tinha o*** Jornal dos Nossos Filhos, suplemento dedicado às crianças. Não apenas na parte de Pedagogia, mas na parte de entretenimento, com brinquedos para recortar e montar, etc. A Cidade da Criança, localizada no nentro de Fortaleza, teve enorme importância na área da Pedagogia. A escola acabou realmente quando meu pai se mudou para o Rio de Janeiro, deixando a política partidária. Minha mãe foi também e a Cidade da Criança deixou de existir.

O que motivou José Martins Rodrigues a fundar um Jornal?

Ele sempre foi jornalista, desde jovem, foi revisor, trabalhou em oficina de jornal, nos idos iniciais do que seriam depois os Diários Associados. Resolveu fundar o jornal, após a sua inserção nas campanhas da Liga Eleitoral Católica (LEC) ao lado do grande e saudoso Edgar de Arruda, que, mais tarde, foi candidato a governador e perdeu o pleito para Raul Barbosa. Meu pai, engajado na política, foi deputado estadual aos 22 anos. No governo Matos Peixoto, era líder do Governo, aqui, em Fortaleza. Então, achou importante ter um veículo de Comunicação.

À época, só tinha a Ceará Rádio Clube , fundada por um grande empreendedor, João Dummar. Depois, apareceram outros veículos, mas o Jornal ***O Estado*** nasceu da necessidade de dar o suporte a Liga Eleitoral Católica e defender as suas bandeiras. No plano nacional, era aliado a Dom Hélder Câmara.

Entre os fundadores do Jornal O Estado, estavam muitos advogados, não é?

Meu pai foi um dos fundadores do Instituto dos Advogados do Ceará, que foi a raiz da OAB, o Edgar de Arruda era o presidente e ele era o tesoureiro.

O que você fazia no Jornal àquela época?

Eu escrevia, ainda menino, para o ***Jornal dos Nossos Filhos***, ligado pedagogicamente à Cidade da Criança — embora eu não tenha estudado lá, porque eu não tinha mais idade —, mas ela foi uma escola de formação cívica. A gente aprendia a cantar o Hino Nacional, do Ceará, estudava a Libertação dos Escravos no Ceará, estudava Literatura, aqui, do Ceará, eu lembro a exaltação da Raquel de Queiroz sobre a importância da Cidade da Criança. Ela foi uma grande amiga dos meus pais e elogiava a minha mãe por ter tido essa ideia da fundar a escola, que era uma escola realmente diferenciada, em modelo. Tinha campeonato de futebol de botão, futebol mesmo e os jogos eram transmitidos pela Ceará Rádio Clube.

Quando você retorna do Rio de Janeiro, onde graduou, assume uma posição no Jornal* O Estado*?

Foi no governo Parsifal Barroso. Antes, o Jornal pretencera a Cláudio Martins que, depois, passou adiante. Aí veio o governo Parsifal Barroso, o jornal dele e a redação era comandada pelo Themístocles de Castro e Silva e este me convidou para ser um dos diretores. Eu havia participado da campanha do Parsifal ao Governo do Ceará e ele era muito amigo do meu pai também nessa época, embora já estivesse no PTB. Um dos grandes dirigentes do PTB foi o sogro dele, o deputado federal Chico Monte, pai da dona Olga Barroso, mulher do Parsifal, a primeira dama da época. Era um jornal muito político na época, no sentido de política partidária.

O jornal defendia quais grandes bandeiras?

As bandeiras eram as do Partido Trabalhista Brasileiro —PTB, principalmente, que era o partido do Parsifal e o qual eu tinha simpatia. Eu nunca fui filiado, na verdade, ao PSD que era o partido do meu pai. Eu não aceitava certas coisas do partido. O papai já tinha deixado a política e me senti mais à vontade, mas como eu tinha uma queda para esse negócio de jornal — eu não estou dizendo que eu tenha sido jornalista, mas atuei bastante.

> "Papai passou por uma forte evolução ideológica. Muito antes de ser cassado ele era de centro, não era de direita. Tinha horror ao integralismo, apesar de ter se tornado amigo do Plínio Salgado, que cansou de almoçar lá em casa, no Rio. Outro grande amigo dele era o Paulo Sarasate, o líder da UDN no Ceará."
>
> **ROBERTO MARTINS RODRIGUES,** advogado, presidente da OAB-CE em três mandatos, sobre seu pai, o advogado e jornalista José Martins Rodrigues

FOTO: CHICO PERES _ ACERVO

Roberto Martins Rodrigues, um dos filhos de José Martins Rodrigues, foi diretor do jornal O Estado e presidiu a OAB-Ceará em mais de um mandato

Quanto tempo você fica no jornal, nessa fase?

Durante todo o governo do Passifal, que começa em 1959. Depois, ele vendeu o jornal, achou que não valia a pena. Mais tarde, o Venelouis comprou e, realmente, deu outro tipo de dinâmica ao jornal.

E hoje, ***O Estado*** está consolidado. Graficamente melhorou muito. O meu tempo e do meu pai, o jornal era bicolor. Domingo, ele era azul e vermelho, foi uma novidade na imprensa do Ceará. Era bem pioneiro isso, foi uma mudança radical. O jornal era impresso em tipografia, usavam tipos móveis. Tinha umas amizades com o pessoal que trabalhava nas oficinas, a "cozinha do jornal", tanto que as minhas maiores amizades não foram na advocacia. Mas, claro, que tenho vários amigos advogados, afinal, fui presidente três vezes e professor muitos anos — passei por várias gerações.

José Martins Rodrigues era muito influente no governo Menezes Pimentel.

Aqui, no Ceará, ele foi uma espécie de interventor interino, na doença do dr. Menezes Pimentel. Não havia vice-governador. Ele era secretário do Interior e Justiça e nessa condição, substituto imediato do governador, que era chamado de interventor. O Brasil, na época da ditadura do Getúlio Vargas, só preservou um governador, que foi o de Minas Gerais, era chamado governador Benedito Valadares. O resto era interventor.

Como José Martins Rodrigues, deputado federal, viu o endurecimento do governo militar?

Ele foi cassado em janeiro de 1969 e se tornou um grande amigo do coronel que o interrogou por 23 horas e meia, seguidamente, só podendo ir ao banheiro uma vez e tomar um copo de leite. Mas, ele dizia que os militares eram inocentes úteis, eles estavam certos e convencidos de que salvavam a Pátria do comunismo. Papai passou por uma evolução ideológica muito forte. Muito antes disso, ele era um homem de centro, não era de direita. Ele tinha horror ao integralismo, apesar de ter se tornado amigo do Plínio Salgado, que cansou de almoçar lá em casa, no Rio de Janeiro. Um outro grande amigo dele era o Paulo Sarasate, o líder da UDN no Ceará e um grande educador.

Jamais é uma palavra que não existe — como você gosta de dizer?

Não funciona nem no amor nem na paixão nem na política. Pode até dizer jamais, mas não pode por em prática. Eu queria agradecer pela honra de ser entrevistado por um jornal pelo qual tenho muito carinho, principalmente devido ao que ele representou na minha vida de menino, de jovem, de adulto e também porque, hoje, ele está entregue a uma família que eu quero muito bem, admiro — Venelouis e Wanda são pessoas que eu gosto muito. ■

▸ Entrevistei Roberto na terça-feira, 12 de maio de 2015, em Fortaleza, para a pesquisa que será publicada em livro

Roberto, professor de Wanda e de Venelouis Xavier Pereira

ACERVO DE WANDA PALHANO

Tive até a honra de ser professor de **Venelouis Xavier Pereira** e de **Wanda Palhano** na Faculdade de Direito. São pessoas que eu admiro muito. Eu conversava bastante com ele, era danado, brabo. Por isso, conduziu o jornal com firmeza, porque muitas pessoas diziam que o jornal não ia sobreviver diante das outras potências que tinham mais suprimento financeiro. Mas, ele conseguiu: ele era um bravo e um brabo de temperamento.

Ele comprou várias polêmicas que moveram a cidade, era o estilo dele. Ao mesmo tempo, isso incrementou o jornal, porque o todos queriam saber como estava a briga, ver a resposta etc.

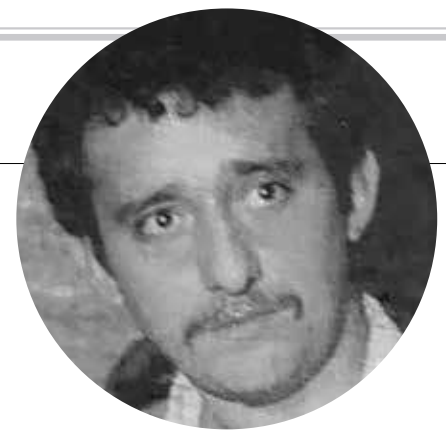
www.cspecem.com

JORNAL O ESTADO.
HÁ 80 ANOS LEVANDO O POTENCIAL DO CEARÁ PARA O MUNDO.

CSP Companhia Siderúrgica do Pecém

80 ANOS

Viciado em jornal



Por **Ricardo Palhano**, diretor-superintendente do jornal **O Estado** há 40 anos

Filho de uma geração formatada sob o signo de Gutenberg, Ricardo Palhano teme pelo futuro do jornal impresso, ainda mais porque os estudiosos mais inteligentes do mundo não apontam um Plano B

Acordar, interfonar e pedir que o porteiro entregue os principais jornais da região para ler as notícias durante o café, é uma rotina arraigada, principalmente nos anos 1980 e 1990. Os jornais eram massudos, existia uma grande quantidade de títulos e sem a competição da internet eram senhores de sí mesmo. Naquela época, era impossível fazer jornalismo de qualidade sem a baliza dos grandes jornais do Sudeste. Nosso jornal iniciou naquela época a publicação de textos de alguns dos jornalistas mais influentes do Sudeste, tais como Helio Fernandes, Sebastião Nery, Paulo Francis, Carlos Lacerda e Giba Um.

O Estado teve diversas fases, altos e baixos, mas resistiu e, agora, completa seus 80 anos, marca que poucas empresas no Brasil conseguiram alcançar. Em 2016, completei 60 anos de idade e 40 anos que meu nome consta como sócio e na diretoria do jornal. Sou, decididamente, um viciado em jornal impresso em papel. Minha geração não abre mão dessa relação tátil com o papel. Mas, é impossível não ficar atônito com o estrago que a internet está fazendo na mídia impressa jornal.

Mesmo assim, apesar dos percalços contábeis vividos pelos jornais ao redor do mundo, eles são a mais consistente referência de credibilidade e a mais crível fonte de informação. Me preocupa, no entanto, o impacto das novas tecnologias de produção e distribuição de informação pela via digital. Isso parace e ser bem mais forte em países com baixo hábito de leitura, como o Brasil. O texto telegráfico da internet não pode afrontar o texto consistente dos melhores jornais do mundo. No entanto, como lidar com a perda de leitores e com as perdas de receita?

A chegada da internet marca um avanço extraordinário na História da civilização. É algo fabuloso e não há como discordar disso. Ao mesmo tempo em que se mostra como um pernicioso concorrente para o jornal impresso é inegável seu impacto na potencialização e na distribuição das mídias de toda natureza. Ela funda um cenário de ambiguidades: se apresenta como um progresso positivo mas traz consigo ameaças graves ao modo gutenberguiano de fazer jornal. Embora a leitura de livros tenha aumentado no Brasil, os jovens não lêem mais os jornais impressos.

Com a queda de receita e a consequente redução nas tiragens, grandes jornais, como o inglês, ***The Independent***, migraram para a plataforma digital. Arrisco a dizer que uma tendência consistente é que os diários cessem ou reduzam suas edições de fim de semana. As tiragens e a quantidade de páginas caem devido a evasão de anunciantes. Temo pelo futuro do jornal impresso, porque os estudiosos mais inteligentes do mundo não apontam saídas. As novas gerações se satisfazem com a realidade líquida dos meios digitais.

Houve uma forte relutância antes de ser tomada a decisão levarmos o Jornal ***O Estado*** para a plataforma digital. Ela se baseava, principalmente, na crença de que o jornal impresso mantém-se sendo a principal fonte de informação — seja pela tradição de 80 anos, seja pela credibilidade — e que liberando o conteúdo na internet poderíamos contratar perdas dramáticas.

Assim como afirma o jornalista americano, Walter Robinson, do jornal ***The Washington Post***, em entrevista publicada pela ***Folha de S. Paulo***, "o problema é que demos de graça o nosso produto por tanto tempo (na internet), que é difícil [agora] convencer o público de que, se de fato você quer notícias com profundidade, tem que pagar por elas".

Lembro que noutros tempos assinava três revistas e sete jornais em minha mesa de trabalho. Com a exposição gratuita, esse número foi reduzido para dois, e apenas pelo apego em "pegar no papel".

Há jovens que nunca manusearam um jornal — contadas são as vezes que vi algum dos meus filhos folheando qualquer exemplar dos quatro jornais que recebo em casa. Eles não sentem nenhuma necessidade. Temo pelo futuro do jornal impresso, e tenho um medo terrível de que ele acabe, vivi minha vida inteira numa relação muito direta com ele.

Pode-se observar o presente caminhando para caminhos imprecisos, as pessoas estão deixando até de conversar... Fica então o questionamento, "Como será o jornalismo daqui há 20 anos?". Como disse recentemente o jornalista Carlos Alberto Sardenberg, "Eu só não vou morrer na redação para não atrapalhar o fechamento da edição do dia".

Como será o amanha? ■

Fotogramas extraídos da entrevista que Ian Gomes gravou com Venelouis Xavier Pereira veiculada no dia 27 de junho de 1992, na antiga TV Manchete

Venelouis Xavier Pereira, em raro registro audiovisual

Por muitos anos, a jornalista Ian Gomes manteve um programa de entrevistas que falava dos bastidores da imprensa, a partir de conversas com jornalistas e com profissionais ligados à comunicação. Foram dezenas de entrevistas transcritas, depois, e reunidos no livro **Gente de Imprensa.**

A entrevista com Venelouis foi veiculada no dia 27 de junho de 1992, um sábado. Ian Gomes se inspirou no estilo de Guto Benevides, quando esse realizou uma série de entrevistas com jornalistas nos anos 1970, publicadas no Jornal **O Estado**, e depois reunidas no livro **A Curtição do Guto**.

Venér, com os encantos e desencantos da profissão, o senhor começaria tudo outra vez?

Eu sou formado em Direito e também em Filosofia e pensava em ser professor. Mas depois, estudando no Rio e vendo Carlos Lacerda, que foi o fundador da Tribuna da Imprensa, eu me dirigi mais para o jornalismo. Advoguei muito pouco. Como estudante, em Fortaleza, eu já escrevia no Diário do Povo, com o saudoso Jáder de Carvalho, um dos melhores jornalistas do Ceará. Certamente eu começaria tudo outra vez.

É difícil fazer jornalismo no Ceará?

É muito difícil fazer jornalismo em qualquer parte do Brasil e no Nordeste, principalmente, porque os jornais dependem muito do apoio governamental — de um apoio do Governo do Estado, da Prefeitura... O faturamento em todos os jornais do Nordeste depende muito dos governos. Mesmo no Rio e em São Paulo ainda há essa dependência da mídia oficial.

Existe a verdade no jornalismo?

A gente busca a verdade, tenta encontrar a verdade, mas é difícil. Não existe propriamente um jornal completamente independente. Eu já tive uma linha mais independente no Jornal O Estado, mas até a família concorre pra gente ser menos independente. Eu sofri uma perseguição durante 20 anos da Revolução. Porque eu era da Revolução, mas quando começou a praticar excessos, a perseguir trabalhadores e torturar, eu fui chamado várias vezes na 10a. Região Militar e fui enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Porque tinha aqui um grupo de oficiais que estava aterrorizando o Ceará. Eram chamados os "pernambucanos". Era um no comando da Polícia Militar, outro na Secretaria de Polícia e outro no Trânsito. E eu enfrentei este pessoal. Fui até sequestrado por isso e, depois, eu que havia sido sequestrado, ainda fui enquadrado na Lei de Segurança Nacional.

Hoje é mais fácil fazer jornalismo?

Hoje é mais fácil, porque existe a liberdade, existe a Constituição em vigor. Naquele tempo, a gente tinha a censura dentro do jornal. Como eu não aceitava censura por telefone — eles ligavam e diziam não publique isso, não publique aquilo, eu não aceitava —, eles colocavam um policial federal dentro do jornal. No Brasil, existiam três jornais que não aceitavam a censura por telefone, **O Estado** o meu, **O Estado de S. Paulo** e a **Tribuna da Imprensa**, o resto recebia recado por telefone para não publicar. Por conta disso tentaram me sufocar economicamente, muitos processos. Existia uma ordem, do Gabinete da Presidência, para o Jornal O Estado não ser programado na mídia oficial. Nós passamos 20 anos sem receber anúncio do Governo Federal. ■

Comece o dia com um café da manhã reforçado.

Homenagem dos Mercadinhos São Luiz ao jornal que, há 80 anos, alimenta os cearenses com informação de qualidade.

O ESTADO 80

Super Mercadinhos São Luiz
Me acostumei com você

slogan

80 ANOS

Chabloz escreve e ilustra o jornal

Artistas de primeira grandeza foram pioneiras presenças nas páginas do jornal O Estado

Ilustração feita por Jean-Pierre Chabloz, especialmente para os 8 anos do jornal O Estado, em 1944

Jean-Pierre Chabloz foi um assíduo colaborador do jornal O Estado, com sua página dominical sobre Artes e comportamento, nas getões de Alfeu Aboim e Walter de Sá Cavalcante.

Na edição de 24 de setembro de 1945, Chabloz ilustrou a capa do jornal com um desenho colorido, impresso em três cores — um grande feito para a época — sugerindo um alvorecer e superpondo uma multidão ao logotipo do jornal. Um texto interno destacava esta e outra inovação para marcar os oito anos do jornal.

"Na primeira página trazemos hoje magnífica tricromia alusiva a data que festejamos da autoria do professor Jean-Pierre Chabloz, espírito culto e brilhante que se tem imposto ao nosso conceito e admiração.

Na terceira página publicamos também outra tricromia com o motivo da Morte de Iracema ideia do nosso jovem e talentoso colaborador Rubens de Azevêdo."

As crônicas de Chabloz reconstroem o cotidiano daquela Fortaleza que ele viveu intensamente. A narrativa do epsiódio de um violino que encontrou acidentalmente em uma de suas visitas à Aba-Film, é primorosa e revela o detalhismo de seu estilo.

Foi Chabloz quem revelou para o Brasil e para o Mundo o gênio criativo do pintor primitivista Chico da Silva e seu fantástico mundo psicodélico. ■

Pra fazer história é preciso inspiração,
determinação e, acima de tudo, muito trabalho.

Ouvir as pessoas, manter sempre o entusiasmo e dar voz à sociedade são qualidades que fazem uma instituição ser reconhecida e respeitada.

Valorizar o passado e estimular novas gerações resulta em confiança e credibilidade.

Assim como esse jornal, a gente gosta de ajudar a escrever todo dia uma nova página na história.

Alexandre Pereira - Presidente

Homenagem do PPS Ceará
aos 80 anos do jornal
O Estado.

PPS 23 Brasil
UM PARTIDO DECENTE

Filie-se ao PPS | www.pps.org.br | (85) 3055-0346

"VOCÊ JAMAIS SERÁ LIVRE SEM UMA IMPRENSA LIVRE." — VENELOUIS XAVIER PEREIRA

OESTADO

80 ANOS

R$ 2,00

ON-LINE www.oestadoce.com.br
ASSISTA AOS VÍDEOS DA TV O ESTADO
twitter @oestadoce
facebook jornaloestado

Fundado em 24 de setembro de 1936 • 80 Anos

CREDIBILIDADE COM O PÚBLICO
ÉTICA EM PRIMEIRO LUGAR
IMPARCIALIDADE EM MOSTRAR OS FATOS
COMPROMISSO COM A VERDADE
VERDADE EM CADA NOTÍCIA

Hoje é dia de comemorar

Há 80 anos presente nas páginas da história do Ceará. Uma trajetória marcada pela credibilidade, ética e imparcialidade, pois sua principal pauta sempre foi o compromisso com a verdade.
Não poderia ter chegado em melhor estado à sua oitava década. Vida longa, jornal O Estado!

Uma homenagem do Sistema FIEC aos 80 anos do jornal O Estado.

(85) 4009.6300 www.sfiec.org.br /sistemafiec /sistemafiec

FIEC SESI SENAI IEL Sistema FIEC

80 ANOS

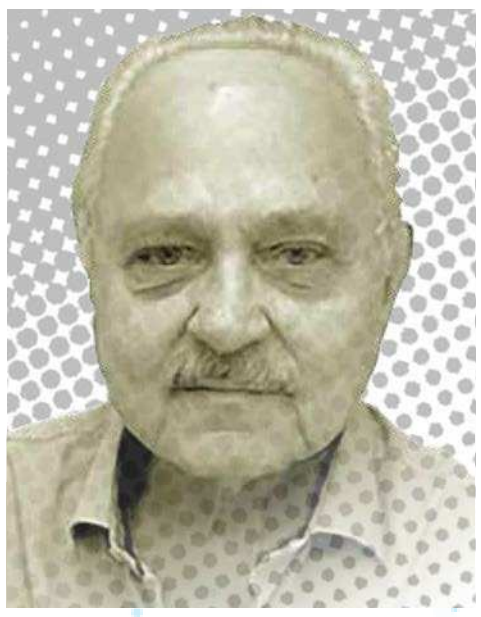
Depoimentos e opiniões

Desde 1936, o jornal O Estado vem marcando a a história do Ceará como veículo de informação e de opinião. Nossa redação foi o ponto de partida para a formação de centenas de profissionais da imprensa brasileira

> Tenho a satisfação de, quando governador, haver reparado essa injustiça, tornando a incluir o jornal na lista de publicações destinatárias de verbas públicas, que então custeavam a publicidade estatal.
>
> **LÚCIO ALCÂNTARA,** ex-governador do Ceará

O Estado, liberdade e resistência

Jornais no Brasil costumam ser um tanto efêmeros, isso é, têm vida curta. ***O Estado*** octogenário é um raro exemplo de sobrevivência de um periódico que coexiste com uma sociedade escassamente instruída e muito pouco informada. O feito ainda é maior se considerarmos que não há por trás da publicação nenhum grupo econômico ou associação com empresas de rádio ou televisão. Tem na sua origem um vínculo político partidário que o tempo desfez, emprestando-lhe um ar de independência traduzido muitas vezes na divulgação de notícias ignoradas pelos concorrentes. Em alguns momentos, essa pretensão tem lhe custado caro. Lembro o período em que certa contundência crítica em relação à administração estadual desencadeou perseguição que o excluiu da publicidade estatal. Foram tempos difíceis que nem por isso tiveram o poder de sufocar a liberdade da comunicação manifestada na palavra impressa. Tenho a satisfação de, quando governador haver reparado essa injustiça, tornando a incluir o jornal na lista de publicações destinatárias de verbas públicas, que então custeavam a publicidade estatal. Sem se dobrar à pressão, resistiu e se fortaleceu. Saúdo o aniversário de ***O Estado*** como exemplo de um jornal que tem sido capaz de vencer os obstáculos naturais, inerentes à atividade, ou impostos pelo poder em suas diferentes versões, surgidos no decurso de sua existência para viver a fase atual de crescente qualidade gráfica e editorial. ■



A empresa O Estado

Na década de 60, desenvolvi atividades ligadas ao setor imobiliário, como Gerente Administrativo da Organização Sergio Philomeno Ltda., cuja área de atuação era Incorporação de Imóveis, Loteamentos, etc., dos quais se destacou o Edifício Jaqueline, a primeira incorporação de vulto da Avenida Beira Mar.

Sergio Philomeno, vislumbrando na oportunidade de efetuar "economia de escala de mídia", na divulgação dos objetivos de seus negócios imobiliários, tendo um jornal, e a possibilidade de proximidade e contatos empresariais pessoais com outros proprietários de veículos de Comunicação, seria, então, conveniente adquirir o Jornal ***O Estado***, que estava a venda.

Pouco tempo depois da aquisição, Sérgio direcionou suas atividades para o segmento industrial, implantando a Fábrica de Sorvetes Gellato e adquirindo aos acionistas de então, a Empresa Fortaleza Refrigerantes S/a, responsável pela Produção, Engarrafamento e Distribuição da Coca-Cola, em todo o Estado do Ceará.

Findo o objetivo pelo qual o jornal ***O Estado*** foi adquirido, o mesmo foi transferido para o Sr. Venelouis Xavier Pereira, sendo atualmente de propriedade e dirigido por seus herdeiros. ■

> Vislumbrando na oportunidade de efetuar "economia de escala de mídia", na divulgação dos objetivos de seus negócios imobiliários, adquiriu o Jornal *O Estado*, que estava a venda.
>
> **NELSON OTOCH,** empresário e ex-diretor do jornal O Estado

Instinto rebelde

Tenho 33 anos de jornalismo. E, claro, não poderia jamais me esquecer de que comecei essa jornada no ***O Estado***, mais precisamente na reportagem policial. Foi um período de muito aprendizado. Apesar das dificuldades da época - anos 1980, encarei de frente meu primeiro trabalho no impresso, indicado pelo querido jornalista Fernando Maia, com a disposição de não largar dessa vocação espinhosa, mas saborosa quando feita com dedicação, amor e zelo. Do Jornal ***O Estado***, fui convidado para a extinta Tribuna do Ceará e, em seguida, contratado pelo Grupo de Comunicação *O Povo*, onde estou até hoje e comemorando 30 anos de casa. Foi bom passar pelo ***O Estado***, ouvir a rebeldia declarada dos seus donos e editores. Creio que guardo um pouco dessa rebeldia no estilo que procuro exercitar no que faço. Sem perder nunca o jeito humorado de encarar a vida. ■

> Foi bom passar pelo *O Estado*, ouvir a rebeldia declarada dos seus donos e editores. Creio que guardo um pouco dessa rebeldia no estilo que procuro exercitar no que faço.
>
> **ELIOMAR DE LIMA,** jornalista

Rubens de Azevêdo e a primeira edição colorida

> Rubens de Azevêdo sugeriu ao Aboim que fosse feita uma edição colorida para o jornal, para ser veiculada no dia 7 de setembro. Foi a primeira edição colorida de um jornal em Fortaleza.
>
> **MIGUEL ÂNGELO DE AZEVÊDO – NIREZ,** historiador e membro do Instituto do Ceará

Eu conheci o Jornal ***O Estado*** na época da guerra, quando era dirigido pelo Alfeu Aboim. Esse contato com o jornal se deu porque meu irmão, Rubens de Azevêdo, passou a ser colaborador do periódico. Rubens era muito amigo do Aboim, assim como meu pai. Como colaborador do ***O Estado*** ele escrevia artigos sobre mitologia grega e também fazia histórias em quadrinhos, onde ele fez uma série

Edição de hoje: 16 páginas -- Cr $0,50

O ESTADO

chamada "Uma viagem a Saturno", que era publicada em capítulos, semanalmente. Rubens também fazia retratos a bico de pena. Nessa fase, ele sugeriu ao Aboim que fosse feita uma edição colorida para o jornal, para ser veiculada no dia 7 de setembro.

Meu irmão fez quatro desenhos, para que montados fizessem essa edição colorida. Foi a primeira edição colorida de um jornal em Fortaleza. ■

A gente faz mais pra cuidar de você. E esse cuidado está em todo lugar.

]acessor[

ANS - nº 31.714-4

A Unimed Fortaleza não mede esforços para cuidar da sua saúde. Prova disso é que está sempre investindo em ações e projetos que levam mais qualidade de vida e bem-estar para a população. Porque oferecer a maior e melhor rede de atendimento não é o bastante. Afinal, cuidar é mais do que atender bem. É ajudar você a ter uma vida mais saudável.

CUIDAR DE VOCÊ. ESSE É O PLANO.

Unimed Fortaleza

3209.1919

Minha escola (apaixonante) de Jornalismo

Traduzo o tempo em que trabalhei no Jornal ***O Estado*** como uma fase superimportante de minha vida pessoal e jornalística. Foi o início de minha carreira. E, portanto, a real aprendizagem. Um aprender que veio envolto pelo acaso. Estava praticamente no início da faculdade quando, compondo grupo com as colegas Stella Crisóstomo, Marília Rabelo e Margarida Giffoni, fomos –era uma manhã de sábado- ao jornal ***O Estado***, noticiar um curso de Cinema de que integrávamos o setor de divulgação. Conhecemos, então, o presidente Venelouis Xavier Pereira, que nos recebeu muito bem e com quem papeamos sobre nossas expectativas quanto ao futuro. Ele, então, nos convidou para um estágio. Nada de ficarmos presas à redação mas de cobrirmos áreas as mais diversificadas como repórteres. Assim, fazíamos matérias com artistas, jogadores de futebol, personagens políticas e até textos policiais. Sempre acompanhadas do fotógrafo Aymoré, uma figura excêntrica e querida. Com outras aspirações, Marília e Margarida desfalcaram cedo o nosso grupo, permanecendo, então, Stellinha e eu, equipe a que se juntou, depois, o Roberto César de Albuquerque Mendonça – hoje, vestindo o papel de chefe de gabinete do presidente da Assembleia Legislativa, Zezinho Albuquerque. Aquela, sim, foi a minha verdadeira escola de Jornalismo e da qual guardo saudades. Trabalhar no ***O Estado*** era também nos sentirmos compondo uma família. Cada aniversário servia de brinde à vida. Foto nas colunas e comemoração na Senzala, boate de Ernani Gilhon, um mundo inédito para mim. O dr. Venelouis era uma espécie de paizão e trabalhamos também com o jovem diretor e colunista social Guto Benevides garantia a sensação de sermos todos grandes amigos. Logo, Stella e eu assinávamos uma página de variedades -título: Hoje- aos domingos. Participava também –com notas sociais- da coluna "Preto no Branco", de Venelouis, cujo lado político –predominante- era explosivo. Um tempo muito bacana, revestido por sonhos pós-adolescentes e projetos ainda não revelados e que também não demorou muito mas que me garantiu a certeza de que teria uma longa trajetória jornalística pela frente. Havia uma Faculdade para concluir e outras vias a percorrer. ■

> "Trabalhar no O Estado nos fazia sentir como parte de uma grande família. Cada aniversário servia de brinde à vida."
>
> **SÔNIA PINHEIRO,** jornalista, ainda estudante de jornalismo começou no jornal O Estado

Meu primeiro jornal

> "*O Estado*, veículo do qual guardo boas recordações e cuja vitoriosa evolução tenho acompanhado daquele tempo até hoje."
>
> **FERNANDO CÉSAR MESQUITA,** jornalista e ex-governador do território de Fernando de Noronha

Jovem repórter, na década de 60, trabalhava na Rádio Iracema de Fortaleza, quando fui convidado a participar da equipe de repórteres do tradicional Jornal ***O Estado***, cuja sede, na Praça José de Alencar, funcionava praticamente ao lado da emissora da qual eu fazia parte. Para mim, aquele matutino, além de uma escola de Jornalismo, onde aperfeiçoei conhecimentos sobre a profissão, me deu a oportunidade de conviver com profissionais competentes, sérios, amigos e divertidos.

Homenageio aqui, nesta memória, todos os inúmeros colegas que compunham a redação e a administração, nas figuras saudosas de Odalves Lima e Daniel Carneiro Job, porque foram tantos os profissionais brilhantes que gastaram as teclas das velhas máquinas de escrever no afã de informar bem e respeitar os horários de encerramento da edição diária. O incomparável Odalves, então, foi um maiores jornalistas que o Ceará conheceu.

O tempo correu, fecharam seis dos sete jornais diários existentes na época – *Correio do Ceará, Unitário, Tribuna do Ceará, O Nordeste, O Democrata e Diário do Povo*. O mundo mudou, as pessoas no batente da imprensa hoje em dia são outras. Todavia, ***O Estado***, desde suas primeiras circulações até hoje, manteve uma linha de respeito ao leitor, de bem informar, criticar quando necessário e elogiar do mesmo modo.

E conta com um quadro de jornalistas de excelente nível, sob a batuta de Ricardo Palhano que manteve a linha de aprimoramento e seriedade, postura de seu pai, o saudoso Venelouis Xavier Pereira, e sua mãe Wanda. O jornal acompanhou a modernização tecnológica sem perder a qualidade. Hoje é um dos melhores do país, sem nenhuma dúvida. Ao me transferir de Fortaleza para Brasília, em 1963, despedi-me de meu trabalho em ***O Estado***, veículo do qual guardo boas recordações e cuja vitoriosa evolução tenho acompanhado daquele tempo até hoje, leitor permanente que sou sempre, mesmo de longe. ■

Um marco de resistência

> "Os 80 anos do Jornal *O Estado* não são apenas uma data, mas um marco para o Jornalismo cearense."
>
> **JULIETA BRONTÉE,** jornalista e colunista

Em tempos de jornalismo instantâneo, onde cada cidadão se acredita um repórter em potencial, porque armado com um celular com câmera pronta para dar aquele flagrante que poderá lhe render mil "curtidas" no Facebook, um jornal impresso chegar aos 80 anos e com a independência e a credibilidade com que chega o nosso Jornal ***O Estado***, não é para qualquer um.

Outros matutinos não tiveram a resistência de ***O Estado*** e hoje sobrevivem timidamente e de maneira quase anônima, em plataformas virtuais, distanciados da pujança que um dia lhes foi peculiar. Citemos apenas os exemplos dos cariocas "Jornal do Brasil" e "Tribuna da Imprensa", para reforçar o verdadeiro ato de heroísmo dos que fazem ***O Estado*** ser o que é, num cenário sabidamente adverso para a mídia impressa, sendo de se destacar que nosso jornal marca presença com bastante competência também no mundo virtual. É por essas e outras que muito me orgulha fazer parte de 30 desses 80 anos de vida de ***O Estado***, seja como repórter que fui, tão logo cheguei de Brasília, recém-formada jornalista, pelo Curso de Comunicação Social, do então Ceub, hoje Uniceub, seja como Colunista da área de Política que sou até hoje (assinando a "Preto no Branco"), deixando aqui minha marca como fizeram Plácido Castelo, Dário Macedo, Frota Neto, Odalves Lima, o poeta Antonio Sales, Rubens Azevêdo, Gilmar de Carvalho, Adísia Sá, Carlos d'Alge, e tantos outros nomes que engrandeceram e engrandecem o jornalismo cearense e nacional. Sou grata ao saudoso Venelouis Xavier Pereira por ter acreditado em minha capacidade, em minha competência.

Os 80 anos do Jornal ***O Estado*** não são apenas uma data, mas um marco para o jornalismo cearense, para o Jornalismo militante, para o Jornalismo que resiste, para o Jornalismo independente, para todos nós que um dia sonhamos em fazer da informação um instrumento de transformação da sociedade.

Orgulha-me fazer parte desta família que é ***O Estado***. ■

Na redação, de domingo a domingo

Eu estava no segundo ano da faculdade, quando eu e a Sônia vimos um anúncio no jornal dizendo que tinha estágio disponível para estudante de Comunicação. No começo, fazíamos de tudo. Depois, a Sônia foi para a parte social e eu fiquei com a parte econômica. Eu não entendia nada, mas o Venelouis dizia que a gente iria aprender, porque recebíamos ajuda. Foi como uma escola que eu aprendi a fazer tudo. O Jornal O Estado foi uma escola para mim. Não só profissionalmente, vida também. Eu gostava tanto que chegava a hora de ir embora e eu ia ficando. Eu não queria sair. Minha mãe reclamava de eu passar sábado e domingo com o jornal. Eu passei quatro anos, de 1971 a 1974. Eu convivi com gente boa, com gente simples. Foi uma experiência muito gratificante. O astral na redação era maravilhoso. De repente, entrava um pão com queijo, com refrigerante. Quando dava o intervalo, a gente ia lá para a sala do Vilupi fazer um lanche. Era um clima bem família. ■

> "*O Estado* foi uma escola para mim. Não só profissionalmente, mas de vida também."
>
> **STELA CRISOSTOMO,** jornalista

Bom humor

Venelouis sempre foi muito bem humorado, muito alegre. Ele sempre fazia a gente rir. Muito bom contator de história, era muito difícil ter uma roda de conversa e as pessoas não estarem sorrindo, todo mundo aqui no jornal sabe disso. Ele sempre estava brincando com alguém, apesar que, se precisasse, na mesma hora ele ficava carrancudo e tomava as devidas providências. Era até estranho. ■

> "Venér sempre fazia a gente rir. Muito bom contator de história."
>
> **FRAN ERLE,** ex-diretor do Jornal O Estado

A estreia de Adísia

Eu comecei no Jornal ***O Estado*** como colaboradora. Tive muito tempo também na Gazeta de Notícias, onde eu mantinha uma coluna chamada O Julgamento de Eva, com o pseudônimo de Moema. Durante muito tempo, usei esse nome para escrever. No Jornal ***O Estado*** também escrevia a coluna Linha de Frente ■

> "No episódio do sequestro do Venelouis assumi a direção do jornal, como editora."
>
> **ADÍSIA SÁ,** jornalista, ex-editora e colunista do Jornal O Estado e presidente da Associação Cearense de Imprensa

Uma vida dedicada ao jornal

> "Venelouis deu a vida para fazer do O Estado um jornal independente. Disso fui testemunha, pelo menos nos seus últimos dias."
>
> **SHEILA RAQUEL,** jornalista, ex-editora do Jornal O Estado

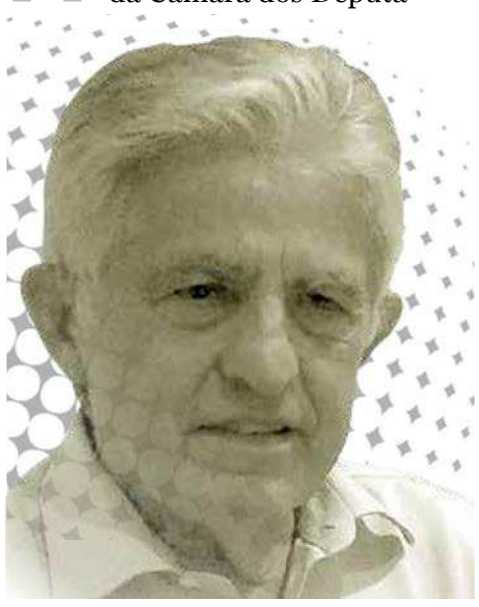
Líamos todos os dias oito jornais (na época não tinha internet). Discutíamos sobre todos os assuntos. Ele tinha um vasto conhecimento e me inspirava a escrever. Nossa leitura obrigatória era a Tribuna da Imprensa, do Rio de Janeiro, especialmente as colunas do Hélio Fernandes e Sebastião Nery, que tive a grande satisfação de conhecer.

Hélio Fernandes era editor do Tribuna da Imprensa e, com ideias de esquerda, foi perseguido pela Ditadura Militar. Venér contava que a amizade vinha dessa época, quando ***O Estado*** também foi alvo dos militares e ele foi preso e torturado ao lutar por uma imprensa livre.

Venelouis deu a vida para fazer do ***O Estado*** um jornal independente. Disso fui testemunha, pelo menos nos seus últimos dias. Era uma época em que o jornal denunciava fortemente os desmandos do Governo do Estado. Com Venér não tinha negociação, não se vendia por anúncio. Ele denunciava mesmo, sem medo e por isso foi processado. A tensão foi tanta que morreu precocemente de infarto. Nesse dia foi um choque para todos nós. ■

Tio Walter, um político que veio do berço

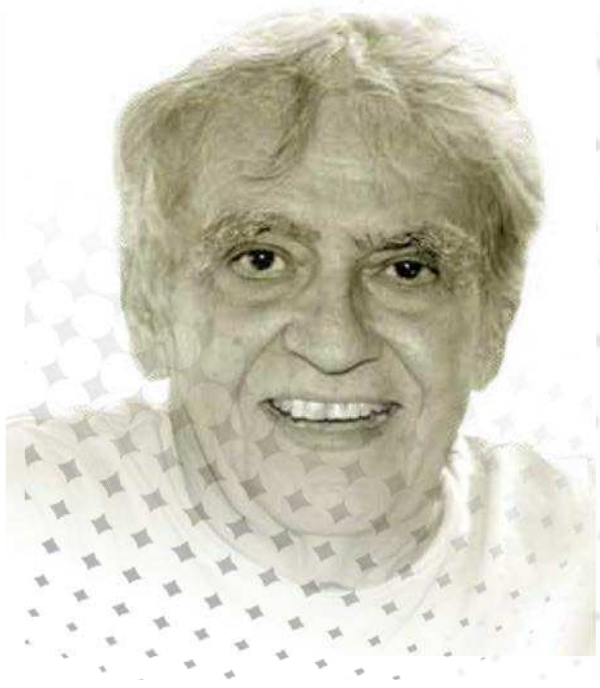
Walter de Sá Cavalcante era um exímio orador e já se destacava na Tribuna da Câmara dos Deputados no Rio de Janeiro. Quando ele criticava o governo do Faustino de Albuquerque, mas quando acabava chamava para tomar cerveja. Ele não misturava a vida política com a vida pessoal. Ele era um conciliador. Teve uma vez que a irmã dele, que era muito desorganizada, levou todo o dinheiro dele. Fez uma limpa. Quando ele chegou em casa, ele pediu que da próxima vez ela deixasse pelo menos o dinheiro do bonde.



A elite era louca por ele, já meu pai era mais crítico à elite, que andou indo aos comícios do Prestes. Dizem que quando a cidade é muito pequena ou muito grande, os clubes ficam fortes. Pequena, porque não tem o que fazer. Grande, porque a cidade está cruel e aquele espaço do clube é maravilhoso. Papai não era sócio de nada, até que se associou ao Ideal. Porém, quando eu o chamava para ir ao clube, ele ficava me perguntando com quem ele ia conversar. Então, ele era assim, não era político. Diferente do meu tio Walter.

A família deles era tão pobre que não tinha dinheiro para comprar os livros. Na época, eles moravam na Dom Manuel. Só tinha uma luz na sala, por isso eles estudavam em praças públicas à noite. Depois, meu tio se transformou em um líder estudantil. Mais tarde, foi deputado. Ele era bem dotado. Meu avô era político por excelência, já a minha avó era uma fortaleza morena. O meu tio juntou a força da vovó, com o charme e a picardia do vovô. Ele é essa mistura. ■

> “Walter de Sá não misturava a vida política com a pessoal. Ele era um conciliador.”
>
> **OTO DE SÁ CAVALCANTE,** educador e sobrinho de Walter de Sá Cavalcante , diretor e articulista do Jornal **O Estado**



Newton Cavalcante, colunista

Quando o Parsifal Barroso comprou ***O Estado*** quem foi dirigir o jornal foi o combato jornalista Themístocles de Castro e Silva, que era o secretário particular do governador e tinha sido um dos principais artífices da vitória dele nas urnas. O Carlos D'Alge e eu éramos viúvos do *Correio do Ceará*, onde ele era diretor, nós estávamos desempregados e o Themístocles, que gostava muito dele, o colocou para ser diretor. Ai ele me abordou consultando se eu gostaria de fazer uma coluna. É importante falar que nessa época não havia O Povo na minha vida. Eu assinava com o nome de Newton Cavalcante, mas foi uma coluna que durou muito pouco tempo, porque não tive acordo sobre o meu pedido financeiro. ■

> “Eu assinava com o nome de Newton Cavalcante, mas foi uma coluna que durou muito pouco tempo.”
>
> **LÚCIO BRASILEIRO,** ex-colunista do Jornal **O Estado** no período de Themístocles de Castro e Silva

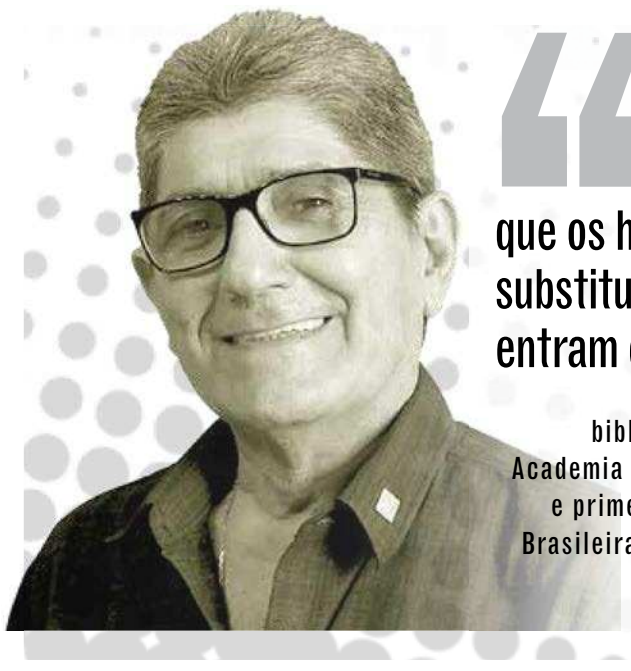
Ao longo dos seus 85 anos, o Ideal Clube sempre foi notícia.
E, se foi notícia, faz parte da bela história do Jornal O Estado.

IDEAL CLUBE

A Diretoria, Conselheiros e Associados do
IDEAL CLUBE, parabenizam o Jornal O Estado
pelos seus 80 anos.

O ESTADO

Jornal O Estado, um veículo influente e respeitado



> Nem o que a natureza criou, nem a sabedoria que os homens criaram tem substitutos. Nesse contexto entram os jornais.
>
> **JOSÉ AUGUSTO BEZERRA,** bibliófilo, escritor, presidente da Academia Cearense de Letras, fundador e primeiro presidente da Associação Brasileira de Bibliófilos, ex-presidente do Instituto do Ceará

Nem o que a natureza criou, nem a sabedoria que os homens criaram tem substitutos. Nesse contexto entram os jornais, bem como ***O Estado***, sendo ele um jornal que depois de 80 anos ainda se mostra muito pujante, contando com bons articulistas, uma boa editoração, bons profissionais e publicações variadas, incluindo artigos de outros estados.

Dessa maneira, quero deixar essa homenagem, porque também fui amigo do Venelouis Xavier, antigo dono do jornal. Morei em uma cobertura, ao lado da dele, durante anos, localizada na Avenida Aquidabã, 17º andar, o antigo prédio mais alto de Fortaleza. Ele foi sempre aquela pessoa entusiasta, cheia de ideias, com uma personalidade inquebrantável. Sua família, Wanda Palhano e seus filhos, seguiram da melhor maneira o seu legado no comando desse importante periódico.

O Jornal ***O Estado*** é hoje um veículo de imprensa respeitado, influente, e que nós temos muito carinho e podemos o encontrar nos mais variados locais, nos escritórios, nas empresas. Enfim, é um veículo que atinge todas as camadas. Espero fortemente que mantenha-se dessa forma, procurando prosseguir com uma linha de independência que o Brasil precisa hoje mais do que nunca. Necessitamos de posições assim, tanto de pessoas, como de veículos, que tenham amor pela nossa pátria e pelos nossos descendentes.

Isso me faz deixar em meu nome, da Academia Cearense de Letras e da Associação Brasileira de Bibliófilos, dos quais eu sou presidente, e por extensão, da nossa comunidade cultural, o nosso pleito de reverência a todos aqueles que vieram e vêm fazendo essa trajetória de vida, de altos e de baixos, mas de bela história. ■

O homem que comprou o jornal

> Venelouis botou meu nome no expediente do jornal como presidente. Era um agradecimento. Quando a gente estava nas rodas sociais, ele fazia questão de dizer abertamente que só tinha o jornal por minha causa.
>
> **JOSÉ OTO SANTANA,** empresário, ex-banqueiro. Foi ele quem comprou o Jornal O Estado em nome de Venelouis Xavier Pereira

A amizade com o Venelouis começou quando ele foi lá na cooperativa. Na época, ele era delegado. Dali, passou a ser meu cliente e amigo a ponto de quase todo dia ele comparecer para tomar um café e conversar comigo lá. Ele e a Vanda frequentavam a nossa casa no sítio no Eusébio. Dona Vanda também era uma mulher muito extrovertida, bonita, muito elegante. Eu me sinto à vontade de falar deles, porque realmente havia afinidade. Normalmente, chegavam no domingo pela manhã e ficavam o dia todo.

Até que um dia, Venelouis me chamou para ver a situação do ***O Estado***, quando ainda era na rua 24 de Maio. Os donos estavam querendo vender, mas ele não tinha condições de adquirir sozinho. Então, eu fui com ele. Relutaram em fazer negócio com ele, porém disseram que aceitavam fazer comigo. Na mesma ocasião, eu fechei o negócio. Eles preparam as letras e entregaram.

Veja o primeiro jornal que eu apareço como diretor presidente, foi exatamente a época que houve a aquisição do jornal. A compra foi em dezembro de 1965 e ele assume em janeiro do ano seguinte. Foi nesse momento que eu intensifiquei a minha amizade, porque ele viu que eu confiava nele. Venelouis botou meu nome como presidente em forma de agradecimento. Quando a gente estava nas rodas, ele fazia questão de dizer abertamente que só tinha o jornal por minha causa. Não precisava fazer isso, mas ele fazia por reconhecimento.

Nós tínhamos afinidade mesmo. Ele na sua maneira de ser e eu na minha, mas respeitávamos os estilos diferentes de cada um. Nos dávamos muito bem. Venelouis com a sua ideologia jornalística e com sua capacidade de fazer jornal facilmente tocou o negócio. Eu nunca tive a menor despesa, o menor constrangimento, nem a menor que seja intervenção no que concerne a dinheiro no jornal ***O Estado***. Nunca teve troca de documentos, eu assumi o risco e nunca me decepcionei. Faria tudo de novo se ele fosse vivo. ■

Um amante da liberdade

Eu disse aos meus pais que eu não queria ser bodegueiro, nem agricultor. Eu queria trabalhar em um negócio em que tivesse as mãos limpas, não as queria calejadas também. Então, me mandaram para Fortaleza. Eu estudava no Liceu quando o Themístocles pediu que eu fosse ao jornal ***O Estado*** à noite. Já era quase 22h, conversamos e ele levou um susto porque eu respondi que queria começar a trabalhar naquela hora mesmo, mas ele disse que gostava dessa minha atitude.

O jornal tinha uma galeria muito grande, tinha duas entradas: pela rua General Sampaio e a frente pela rua Senador Pompeu. Em 1960, eu comecei a escrever uma coluna estudantil lá. Eu estudava no Liceu até dez horas e quando saía, ia correndo ao jornal para ficar até o fechamento, uma da manhã. O Themístocles só chegava às 22h, apenas para ver como estavam as manchetes. Quando começavam a rodar os linotipos, já era com o secretário do jornal, o Odalves Lima. Eu também me recordo que o Odalves era muito boêmio e eu o acompanhei muitas vezes com isso. A gente sempre se reunia após o fechamento do jornal, na maioria das vezes no Café da Imprensa que era um lugar maravilhoso. Naquela época, o jornal era uma atividade só dos homens.

Em 1963, o Themístocles se afasta e o jornal começa a entrar em crise. A redação ficou mínima, a equipe ficou bem pequena mesmo, porque todo o pessoal antigo saiu. Ficou somente eu e o Odalves até a chegada do Venelouis Xavier Pereira. O Venelouis era amante da liberdade, muitas pessoas hoje em dia ainda falam a respeito dele, que ele fazia chantagem, mas não tem isso não. Ele saía do controle se alguém dissesse que o jornal era ruim, se não fosse uma crítica produtiva, aí sim ele saía do sério. Contudo, ele adorava o jornal, tratava até de uma forma possessiva, dizia que era dele com todo orgulho.

> Eu estudava no Liceu até 22 horas e, quando saía, ia correndo ao jornal para ficar até o fechamento, 1 hora da manhã.
>
> **HELDER CORDEIRO,** jornalista e ex-editor

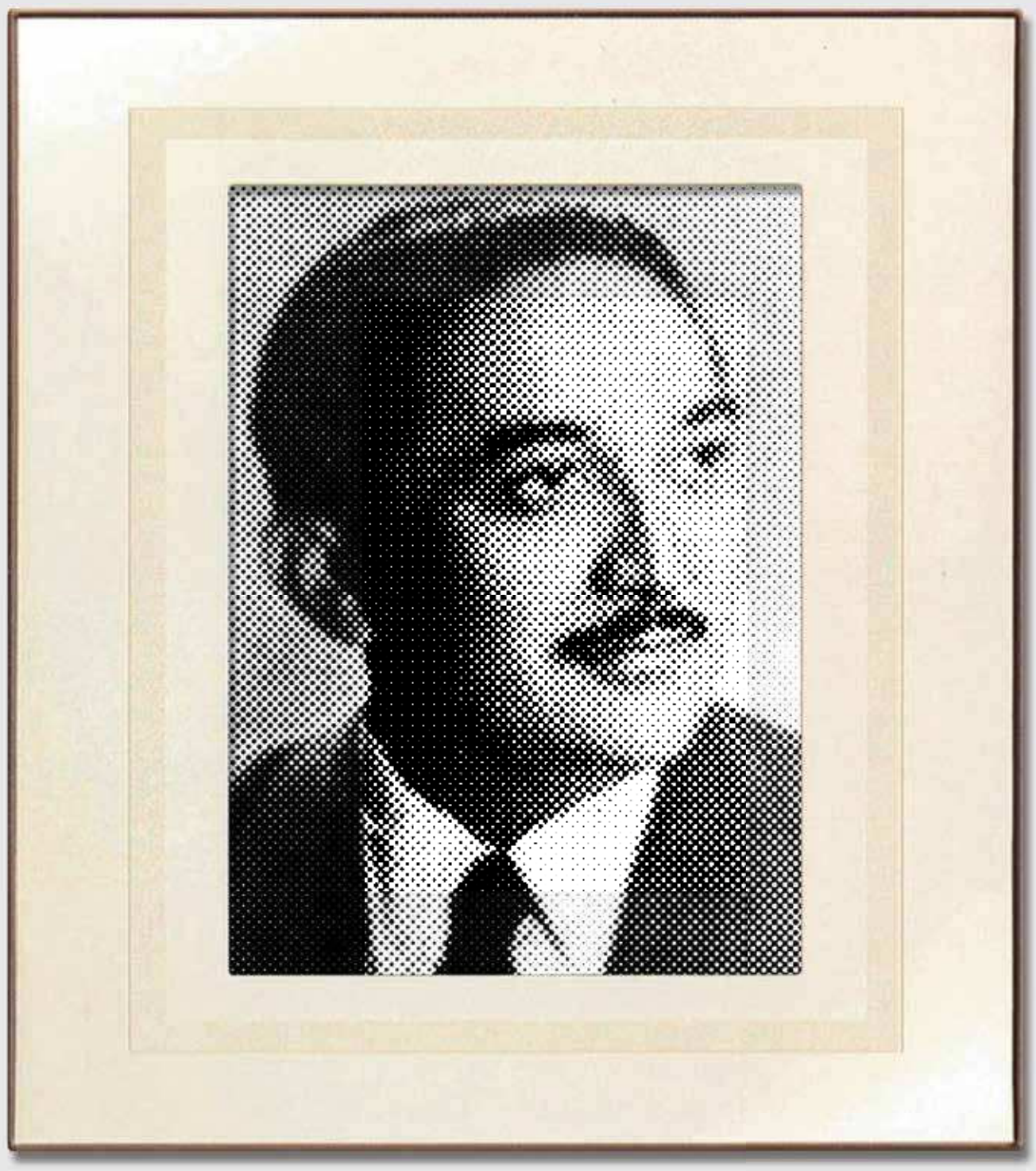
Eu deixei o jornal em 1970. Fiquei cinco anos na Tribuna do Ceará e, em seguida, voltei para ***O Estado*** como secretário. Mas mesmo nesse período que fiquei longe, mantive a ligação muito forte com o Venelouis. ■

Um intérprete correto do pensamento brasileiro

> Venelouis sempre assumia a posição em defesa da liberdade de opinião, fazendo do Jornal *O Estado* um veículo independente.
>
> **MAURO BENEVIDES,** deputado federal, jornalista, articulista do Jornal O Estado

O José Martins Rodrigues compôs uma equipe de qualidade com o Alfeu Aboim e tantos outros. Depois veio o Walter de Sá Cavalcante com a sua pena combativa e a defesa partidária. Em 1950, o Aboim participa do *Jornal da Manhã*, que naquela época era o porta-voz do PSP, e foi onde eu comecei a minha experiência jornalística, como redator de política. É esse mesmo jornalismo político que eu faço hoje, todas as sextas-feiras no Jornal ***O Estado***, dando a minha impressão sobre fatos políticos, que julgo relevantes e esperando que os leitores assimilem aquela diretriz e, naturalmente, alguns ainda me escrevem, me dão sugestões, e, a cada sexta-feira, eu apareço com comentários semanais sobre esses acontecimentos, desde o tempo do Venelouis Xavier Pereira. Sempre tive amizade com ele, a posição que ele assumia, sempre em defesa da liberdade de opinião, fazendo um jornal independente, e eu não poderia deixar de realçar o papel que ele exerceu, tantos anos depois, para manter viva a ideia do José Martins Rodrigues e ter um jornal que é um intérprete correto do pensamento predominante no seio da opinião pública brasileira. ■

advance



Nos 80 anos do jornal O Estado, uma homenagem a quem escreveu parte dessa história.

Walter de Sá Cavalcante

Filho de João de Sá Cavalcante, um coletor de impostos da Fazenda Estadual, e de Raimunda Rabelo de Sá Cavalcante, Walter de Sá Cavalcante nasceu em Fortaleza, em 1915, e viveu a primeira infância nos sertões do Ceará. Casou-se com Irami Machado de Sá Cavalcante e tiveram três filhos, Walter Júnior, Leila e Karla. Ele era irmão de Dom Jerônimo de Sá Cavalcante, Ari de Sá Cavalcante, Maria Dulce de Sá Cavalcante Torres, José de Sá Cavalcante e Hermenegildo de Sá Cavalcante.

Com dificuldade, estudou parte na capital, parte no interior do estado. Em 1933, prestou vestibular para a faculdade de Direito, de onde saiu bacharel 5 anos depois.

Sempre lutando para conquistar uma vida digna, atuou como Presidente do Centro Acadêmico Clóvis Beviláqua, da faculdade de Direito, foi escriturário da Prefeitura de Fortaleza e professor de Economia Rural na Escola de Agronomia.

Como a casa da família, na Av. Dom Manuel, 482, só tinha luz na sala, os filhos iam até a Praça dos Leões, que era iluminada, para estudar à noite.

Em 1942, chegou a redator-chefe e coproprietário do Jornal O Estado, após ter exercido todos os cargos. Em 1945, assumiu a direção do periódico, onde deixou sua marca, trabalhando incessantemente para a construção de um jornalismo sério e combativo.

Eleito Deputado Estadual em 1947 e Federal em 1950, representava a esperança de um partido valente e revolucionário. Não tivesse falecido precocemente em 1954, aos 39 anos, teria contribuído muito mais para todo o jornalismo e para o estado do Ceará.

Walter de Sá Cavalcante dá nome a uma escola pública na Av. Oliveira Paiva, em Fortaleza. Em família, era um grande sujeito. Dizia que Leila, a filha de três anos, tinha mais prestígio que qualquer chefe político. Ardoroso parlamentar, realizou um trabalho de plenário ainda não visto na história política do Ceará.

Colégio Ari de Sá Cavalcante
Educação em primeiro lugar.
SAS Sistema Ari de Sá